



Ano I Nº 232
02 Maio 2007

Índice

1º de Maio : Protestos no Mundo inteiro	01
Representante da CNM reúne-se com presidente da Alcoa	02
Fusão de Sindicatos	04
Imigrantes fazem protestos em cidades dos EUA	05

INTERNACIONAL

1º de Maio : Protestos no Mundo inteiro

Milhares de pessoas participaram de inúmeros protestos nas ruas da América Latina por ocasião do Dia do Trabalho, em um dia no qual foram escutadas críticas aos acordos comerciais com os Estados Unidos e foram exigidos salários mais justos.

Na Bolívia, o presidente Evo Morales dirigiu os eventos do dia e assinou um decreto que obriga as empresas particulares a aumentarem os salários em 5%, embora ao mesmo tempo tenha dito que não pode atender os pedidos dos funcionários públicos, que reivindicam aumentos de até 20%.

Alguns distúrbios foram registrados em Santiago do Chile, onde encapuzados enfrentaram a Polícia em incidentes que deixaram 16 detidos e um ferido.

A violência também esteve presente em Montevidéu, onde membros do grupo radical "Tendência Classista e Combativa" enfrentaram a Polícia e atacaram comerciantes locais.

Por outro lado, a calma foi a marca na Argentina, onde setores da esquerda se reuniram diante do palácio de Governo para pedirem salários justos e apoiarem professores grevistas.

Várias marchas foram organizadas na Venezuela por simpatizantes e críticos do presidente Hugo Chávez, que dedicou o dia a um ato no qual o Estado tomou o controle da Faixa Petrolífera do Orinoco.



Os eventos na Colômbia serviram para que os sindicalistas rejeitassem o Tratado de Livre-Comércio (TLC) assinado com os EUA e convocassem uma greve nacional no dia 23 de maio contra o Governo do presidente Álvaro Uribe.

No Paraguai, milhares de pessoas se reuniram para pedirem respeito às leis trabalhistas e medidas do Governo para criar pelo menos 130.000 postos de trabalho.

A maior violência neste Primeiro de Maio aconteceu na Turquia, onde a polícia prendeu cerca de 580 pessoas em uma manifestação de trabalhadores e sindicalistas convocada em Istambul. Os manifestantes foram detidos quando tentavam chegar à praça de Taksim, onde, desde o golpe militar de 1980, é proibida qualquer concentração política.

A FITIM já vinha acompanhando a violência do governo turco e havia se reunido juntamente com a Confederação Européia dos Metalúrgicos, o IG Metall e o sindicato dos metalúrgicos turcos Birlesik Metal-IS com o ministro do Trabalho em Ankara demandando mudanças nas repressivas leis trabalhistas turcas.

A nova violência do governo turco contra os trabalhadores mostrou a necessidade de se intensificar a campanha internacional de solidariedade aos metalúrgicos turcos. (Agência EFE e FITIM, 02.05.2007)

Representante da CNM reúne-se com presidente da Alcoa

Confira abaixo um artigo do jornal estadunidense Tribune-Review sobre o encontro do presidente Alain Belda e acionistas da Alcoa com sindicalistas de vários países. Mais abaixo, uma entrevista com José Maria Araújo, do Sindicato dos Metalúrgicos de São Luis-MA, que representou a CNM/CUT no encontro.

Alcoa: Belda diz que empresa continua comprometida com as raízes



No último ano a Alcoa mudou sua matriz de Pittsburgh para a cidade de Nova York sob o rumor de que isso seria uma fusão global na mineração almejando lucros recordes.

Apesar da mudança, Alain Belda, presidente executivo, disse sexta-feira que a empresa, que é a gigante do alumínio se mantém comprometida com Pittsburgh na medida em que tem um centro corporativo na costa norte, um centro tecnológico em Upper Burrell, e cerca de 2000 funcionários no Oeste da Pensilvânia.

O Centro Tecnológico, em particular 'é a chave para o nosso sucesso em renovação e aplicação tecnológica além do desenvolvimento de novas tecnologias', disse Belda no encontro anual de acionistas da Companhia. Ele ainda diz que o Centro encontra soluções para as necessidades dos clientes e está conectado com outros centros de pesquisa da Alcoa na Rússia, China e Índia.

Enquanto a Alcoa não está diretamente endereçada nos noticiários como um alvo de US\$ 40 bilhões tanto da gigante da mineração australiana Billiton e da companhia baseada em Londres, Rio Tinto, Belda diz que o 'suas folhas de balanço dizem que eles têm muito dinheiro'.

Mas se uma companhia tivesse a Alcoa na sua mira, Belda disse acreditar que alguém teria telefonado para ele 'antes de colocarem as notícias nos jornais. E ninguém me ligou'.

Apesar de tudo isso, Belda avisou aos acionistas que a Alcoa está se movendo em 2007 'com grande força'.

Na última semana, Alcoa divulgou que teve o melhor trimestre de sua história, com renda líquida 9% maior (US\$ 662 milhões) e crescimento de 11% nas vendas, atingindo US\$ 7,9 bilhões. Em todo o ano de 2006 o lucro líquido da empresa foi de US\$ 2,16 bilhões, um crescimento de 72% se comparado aos US\$ 1,2 bilhões de 2005.

'Este não é uma maravilha de trimestre', disse Belda, citando a razões por um forte 2007. Uma fundição de alumínio na Islândia entrará em operação; as operações na China e na Rússia vão atingir o equilíbrio nas receitas; os preços do alumínio são bons e a demanda é forte.

'Não é como se nós tivéssemos maus resultados, e não é como se nós tivéssemos um crescimento inconsistente', Belda disse em resposta para um acionista que quis saber porque deveria manter suas ações da Alcoa.

Em pontos específicos, Belda disse que a Alcoa está revisando a performance do segmentos de embalagens e consumidores. Embalagens têm 'resultados adequados', mas a companhia terá que considerar que isso 'pertence ao portfólio da Alcoa', disse.

Belda foi informado pelo presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Luis-MA, José Maria Araújo, que a Alcoa terá problemas no Brasil na próxima semana, quando 5 mil trabalhadores - maioria mineiros - planejam brigar por aumentos salariais. Falando com a ajuda de um interprete, Araújo disse que o sindicato está negociando por um aumento salarial porque a Alcoa aumentou a carga diária de trabalho para 8 horas.

Belda, um marroquino naturalizado brasileiro, respondeu que os trabalhadores brasileiros têm trabalhado 36 horas semanais, mas que o governo tolera uma jornada de 44 horas semanais.

Os rumores de uma aquisição desperta o interesse dos 9 mil membros do USW que trabalham nas plantas da Alcoa, disse James Robinson, presidente da comissão do USW que negociou um contrato com a Alcoa no último ano.

'BHP Billiton e a Rio Tinto podem quebrar a companhia' se algum deles comprarem a Alcoa, disse Robinson, que liderou uma delegação oficial de sindicalistas das plantas da Alcoa na Austrália, Brasil, Islândia, México e Suriname.

O USW tem unido forças com representantes sindicais dos trabalhadores da Alcoa naqueles países que apóiam os esforços para o avanço dos direitos e do padrão de vida dos funcionários da Alcoa em todo o mundo, disse Robinson.

José Maria Araújo, que foi aos EUA como representante da Confederação Nacional dos Metalúrgicos (CNM/CUT), conta mais detalhes de seu encontro com Alain Belda:

Como foi o encontro com Alain Belda?

José Maria - Durante a reunião com os acionistas e, nós, representantes dos trabalhadores da Alcoa, ele não 'reconheceu' o esforço dos trabalhadores que produzem todo este lucro. No Maranhão, somos recordistas mundiais de produção de alumínio. A nossa planta é o maior complexo integrado de alumínio e alumina no mundo. Mostrei que a empresa não respeita as leis trabalhistas ao formar turnos fixos de 8 horas diárias, por seis dias da semana, que somam 48 horas de trabalho. Também disse que na planta em Juruti-PA, estão cometendo crimes ambientais, ao desmatar e despejarem dejetos, mas mesmo assim ele continua afirmando que cumpre todas as leis. Ele foi prepotente ao ponto de dizer que plantou a primeira árvore em São Luiz, e que o crescimento da cidade se deve à Alcoa. Mas a Alcoa só está a pouco mais de 20 anos numa cidade que tem quatro séculos de história. Uma árvore plantada não é suficiente para recuperar os desmatamentos. É apenas um símbolo, nada mais.

Quais são os problemas específicos?

O problema é que a Alcoa, se comprometeu a ajudar a comunidade de Juruti, por meio de um acordo, onde cuidariam da infra-estrutura da cidade, fariam escolas e postos de saúde, entre outras coisas. Mas na verdade, toda a infra-estrutura montada até agora só é para benefício da empresa e não da população. Durante o meu discurso, eu só podia falar o equivalente a uma folha, mas digo aqui que a situação é cruel. Funcionários da Camargo Correia (que presta serviços para a Alcoa) têm um banco de débitos em caso de chuva. Ou seja: se chover durante o horário de trabalho, os trabalhadores interrompem a produção, mas essas horas inativas eles ficam devendo para a empresa, que por sinal se dispôs a pagar apenas R\$ 0,05 por metro quadrado de terra desmatada. Os trabalhadores chamam isso de 'proposta imoral', pois com o extrativismo natural, a empresa acabou com a qualidade de vida da população local. Mas por outro lado, a Alcoa passa a ser auto-suficiente na produção de alumínio.

Mas voltando ao discurso...

Então, por só poder falar uma folha, enfoquei mais na questão de crimes ambientais cometidos pela companhia e do desrespeito às leis trabalhistas em São Luiz e Poços de Caldas (MG), em que como já disse, os trabalhadores passaram de 6 para 8 horas de trabalho diário, em uma jornada fixa de seis dias por dois de intervalo. Este tipo de jornada não permite o descanso do trabalhador e diminui o tempo de vida útil do profissional, pois trata-se de uma condição totalmente insalubre. Mas o pior de tudo, é que nestes dois dias, a empresa obriga o funcionário a se locomover até a planta sob a pressão de que se houver paralisações por conta do sindicato, os 'folguistas' devem assumir as posições para que a produção não seja interrompida. Por tudo isso, o índice de afastamento de trabalhadores (junto ao INSS) é muito alto.

E o que eles dizem sobre isso?

Na cabeça deles, a empresa prega o reconhecimento aos funcionários. Mas na minha opinião, reconhecimento é respeitar durante os diálogos, na melhoria dos salários e das questões trabalhistas. Todas as vezes que perdem um processo, recorrem. Há processos rolando há mais de 18 anos. Não pagam periculosidade nem insalubridade. Isso não é reconhecimento.

Há algum projeto dos trabalhadores para reverter esta situação?

No Brasil, foi dado o alerta e por isso, estamos em estado de greve em São Luiz. E na questão mundial, fizemos um encontro separado dos acionistas durante essa viagem aos EUA, em que discutimos a criação de um comitê mundial dos trabalhadores na Alcoa. Há a necessidade do sindicato global nas empresas globais e, por isso, a necessidade de quebrar barreiras com a união de trabalhadores do mundo todo, independente da questão de idiomas ou de cultura.

E quais são os planos daqui por diante?

Primeiramente as ações serão centralizadas por meio virtual, na USW de Pittsburgh. A periodicidade de encontros será de acordo com a continuidade e crescimento do comitê. E isso só virá com o tempo. (*Tribune-Review e Assessoria de Imprensa CNM/CUT, 27.04.2007*)

Fusão de Sindicatos

Neste Primeiro de Maio foi criado no Reino Unido o UNITE um sindicato com dois milhões de integrantes oriundo da fusão do Amicus e do Transport and General Workers Union. O UNITE será o maior sindicato do Reino Unido e da Irlanda e será uma força dominante no Partido Trabalhista e na confederação sindical Trade Unions Congress (TUC).

O sindicato vai representar trabalhadores dos mais diversos setores econômicos, incluindo trabalhadores no transporte, na manufatura, aviação, setor financeiro, serviços públicos e outros.

O sindicato dos trabalhadores siderúrgicos da América do Norte, o USW, está estudando participar também dessa fusão, como podemos ler no texto que se segue.

Sindicatos por uma economia global

A imprensa econômica mal notou e os defensores usuais da globalização silenciaram, mas um anúncio na semana passada em Ottawa sinalizou uma nova e radical direção para a economia globalizada. O United Steelworkers - a respeitada criação de John L. Lewis e da política trabalhista do New Deal na era da Depressão - começou a negociar uma fusão com dois dos maiores sindicatos britânicos (que se fundirão um com o outro em maio) para criar o primeiro sindicato não só transatlântico, mas também o primeiro genuinamente multinacional.

As fusões de sindicatos não são nenhuma novidade, é claro, e, com o declínio do emprego na manufatura nos Estados Unidos, alguns sindicatos - o United Steelworkers, em particular - se expandiram para outros setores e atividades. Hoje, apenas 130 mil dos 850 mil membros desse sindicato estão empregados na siderurgia básica, enquanto os demais trabalham na fabricação de papel e borracha e numa série de setores de serviços. Os sindicatos britânicos seguem um caminho similar; dos dois sindicatos com os quais o United Steelworkers quer se fundir, o Amicus é um resultado multissetorial dos trabalhadores da indústria automobilística da Grã-Bretanha, enquanto o outro, o Transport and General Workers, se tornou há tempos o que seu nome indica.

Esses três sindicatos estão entre os maiores de seus países; confirmada a fusão, o quadro de associados terá, no total, cerca de 3 milhões de membros, o que faria deste o maior sindicato do mundo.

Mas o ponto aqui não é o número de membros, e sim a adaptação do trabalho à globalização do capital. A declaração de Ottawa inovou, mas a coordenação transnacional dos sindicatos avança há mais de uma década. O Communications Workers of America reúne-se há anos com sindicatos do setor de telecomunicações na Europa e em outros lugares para lidar melhor com empregadores em comum. Ao longo dos últimos dois anos, a União Internacional de Empregados de Serviços (SEIU, na sigla em inglês) ajudou a financiar e trabalhou com sindicatos de seguranças e zeladores em outras nações, enquanto a propriedade dos serviços imobiliários se fundia em um número cada vez menor de multinacionais.

Em novembro, o SEIU organizou 5,3 mil trabalhadores imigrantes que limpam os prédios de escritórios no centro de Houston - uma façanha admirável no coração do Sul dos Estados Unidos, tradicionalmente inimigo dos sindicatos. Stephen Lerner, chefe de estratégia da campanha Justiça para os Zeladores do SEIU, atribui o sucesso, em parte, aos mesmos processos de fusão e globalização que, em geral, provaram ser muito prejudiciais ao poder dos sindicatos. No ano passado, apenas cinco empreiteiros de serviços de limpeza - todos de escopo nacional ou global - empregavam a maioria dos zeladores da cidade e vários dos prédios de escritórios eram de propriedade de investidores globais. A emergente rede global de sindicatos do setor de serviços imobiliários promoveu manifestações em apoio aos zeladores de Houston no México, em Moscou, em Londres e em Berlim.

A rede de alianças estratégicas do United Steelworkers com sindicatos estrangeiros data do início dos anos 1990. À medida que a produção de aço se tornou um empreendimento global, o sindicato fez alianças com sindicatos de mineração e manufatura do Brasil, da África do Sul, da Austrália, do México, da Alemanha e da Grã-Bretanha. As alianças surgiram, em parte, porque esses sindicatos tinham empregadores em comum - a Alcoa, nos metais; a Bridgestone, nos pneus; e, agora, com o crescimento do United Steelworkers e do britânico Amicus para incluir os trabalhadores do setor de papel, também a Georgia Pacific e a International Paper. Os sindicatos compartilham pesquisas, discutem estratégias de negociação comuns e apóiam uns aos outros durante greves.

Mas o objetivo da fusão proposta é mais amplo. “Concluimos que a melhor maneira de combater a globalização financeira era combatê-la globalmente”, diz Gerald Fernandez, diretor de assuntos internacionais e operações de negociação globais do United Steelworkers. “O estudo de uma fusão é o primeiro passo necessário para a construção de um sindicato ou federação global dos metalúrgicos, mineradores e trabalhadores em geral.”

Ocorra ou não a fusão, o United Steelworkers e seus parceiros britânicos já se comprometeram a financiar operações de direitos humanos e direitos sindicais na Colômbia (perpétuo líder mundial em sindicalistas assassinados) e em partes da África. Eles planejam organizar uma campanha global para proteger os benefícios de aposentadoria dos empregados, atacados em um número crescente de países por financistas que vêem a segurança financeira dos trabalhadores como um artigo dispensável.

Durante anos, os defensores da globalização atacaram os sindicatos como um todo, e o United Steelworkers, em particular, por posições que consideravam protecionistas, provincianas e, em geral, retrógradas. Mas agora vemos que o sindicato é simplesmente tão internacionalista quanto eles. E, enquanto os sindicatos começam sua inevitável transformação em entidades globais, os líderes da torcida da globalização precisam se definir com mais clareza. Eles apóiam a globalização porque ela até agora deu vantagens aos investidores globais sobre sindicatos e governos meramente nacionais? Ou eles acreditam que o governo e os trabalhadores também deveriam se tornar globais, promovendo em escala internacional o tipo de economia mista que governos e sindicatos criaram nas décadas posteriores à 2ª Guerra Mundial - a única economia da História a produzir uma prosperidade amplamente compartilhada? Em outras palavras, eles realmente defendem a globalização ou apenas o retorno do mundo do laissez-faire, do enriquecer dos ricos, que existia antes do New Deal? A questão, agora que o United Steelworkers e seus parceiros britânicos lançaram o desafio, é tudo, menos acadêmica. (Harold Meyerson, o autor do texto é editor da revista American Prospect e do jornal L.A. Weekly) (*O Estado de S.Paulo*, 29.04.2007)

Imigrantes fazem protestos em cidades dos EUA

Milhares pedem mudanças nas leis sobre estrangeiros

Milhares de imigrantes saíram às ruas de algumas das principais cidades dos Estados Unidos para exigir reformas amplas nas leis que regulam os vistos de trabalhadores estrangeiros. Os protestos, organizados por uma ampla coalizão de ativistas pelos direitos dos imigrantes, aconteceram em Los Angeles, Chicago, Detroit, Nova York e outras cidades.

- Queremos nossos direitos. Ajudamos no progresso deste país e merecemos apoio - disse uma imigrante do Panamá na manifestação de Nova York.

Há um ano, mais de um milhão de trabalhadores, em sua maioria hispânicos, realizaram um boicote econômico sem precedentes, deixaram seus postos de trabalho e saíram às ruas.

Três marchas se juntam em Chicago

Este ano, foi registrado um número menor de manifestantes devido às divisões entre os ativistas e aos temores dos imigrantes ilegais após um recrudescimento no policiamento e o aumento das prisões por parte das autoridades.

No centro de Los Angeles, um ano depois da manifestação de 500 mil imigrantes - em sua maioria hispânicos - ter exigido reformas, apenas cerca de 2.500 pessoas compareceram com bandeiras mexicanas e americanas à marcha de protesto. As autoridades locais esperavam cerca de 20 mil pessoas. Ainda assim, os protestos de Los Angeles provocaram o fechamento de 17 ruas do centro e o desvio de 60 linhas de ônibus.

Em Chicago, três marchas se juntaram no distrito financeiro da cidade, com 20 mil pessoas. Os ativistas se reuniram cedo na Union Park, onde exigiram uma reforma migratória.

Em Detroit, cerca de 10 mil pessoas participaram de uma passeata com bandeiras do México e dos Estados Unidos, além de cartazes que pediam anistia e reforma. Em Nova York, os grupos Coalizão pela Imigração e Movimento 1º de Maio pelos Direitos dos Trabalhadores e Imigrantes marcharam pedindo uma anistia geral. (*O Globo*, 02.05.2007)